

Jornalismo declaratório e fontes oficiais

LUÃN JOSÉ VAZ CHAGAS

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal do Mato Grosso
Brasil
luan.chagas@ufmt.br*

MARCIO CAMILO DA CRUZ

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal do Mato Grosso
Brasil
camilo.jornalismo@gmail.com*



artigo surge de uma questão que permeia a seleção das fontes políticas e as formas com que as vozes destes agentes são posicionadas nos discursos noticiosos: Que tipo de conhecimento o jornalismo promove quando se baseia apenas em declarações das fontes? A ausência de uma definição conceitual que sustenta o fenômeno do jornalismo declaratório e os tipos de declarações que promovem a veracidade na construção das notícias (Gomes, 2009), motivam a procura por entender a presença dessa prática no contexto da cobertura eleitoral de 2020 em Cuiabá, no Estado de Mato Grosso (Centro-Oeste do Brasil).

Se o jornalismo se propõe como uma “forma de conhecimento” definida “não como um dado concreto, mas como um ideal abstrato a alcançar” (Meditich, 2002, p. 2), como a construção de notícias baseadas apenas em declarações políticas pode ser encaixada na produção de sentido no ambiente democrático? A produção do conhecimento do jornalismo, que se organiza de uma forma “distinta”, como destaca Meditsch (2002, p. 3) e além de produzir, também “reproduz o conhecimento produzido por outras instituições sociais”. Nesse processo, a fala em si ganha um papel de destaque, tanto como um ritual estratégico (Tuchman, 1999) que busca garantir essa defesa interna dos jornalistas, como também a prática de um “jornalismo de mãos limpas” (Moretzsohn, 2007, p. 187), quando posiciona nas fontes a definição sobre os acontecimentos sem a verificação anterior destas. Segundo Sponholz

**Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :**

Luãn José Vaz Chagas, Marcio Camilo da Cruz « Jornalismo declaratório na cobertura eleitoral e a dependência das fontes oficiais », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 11, n°2 - 2022, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v11.n2.2022.494>



(2009), o teor de realidade das declarações e a necessidade de verificação dos discursos é fundamental para entender aquilo que chama de reconstrução da realidade.

O objetivo da pesquisa é analisar como a prática de jornalismo declaratório esteve presente na cobertura da última semana do primeiro turno das eleições municipais de 2020 a partir das falas das fontes no site de notícias MidiaNews. A escolha do veículo digital se justifica pela tradição de cobertura política regional que possui e os números que o colocam como um dos mais acessados em Mato Grosso, segundo dados de amostragem do serviço da *Web Alexa Top Sites*.

Realizamos uma adaptação da proposta de Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) como ferramenta utilizada para identificar preliminarmente, as características e os tipos de declarações contidas no Jornalismo Declaratório durante a última semana da cobertura do período eleitoral do primeiro turno das eleições de 2020 em Cuiabá. Os resultados destacam a manutenção de declarações de fontes oficiais sem contraditório como prática no contexto do jornalismo político, além da cobertura eleitoral que aponta para a necessidade de uma agenda de pesquisa sobre o declaratório em um período marcado por discursos autoritários, mentirosos e neopopulistas. Inicialmente, o estudo também propõe uma redefinição da ideia de jornalismo declaratório que se divide a partir da tipologia das vozes acionadas e das estratégias argumentativas em temáticas com ações específicas das candidaturas na manutenção de seus discursos no cenário de disputa.

JORNALISMO DECLARATÓRIO E CONHECIMENTO NA COBERTURA ELEITORAL

O que é Jornalismo Declaratório? Ainda que sem uma definição conceitual específica, esse termo é tratado no âmbito de uma prática relacionada ao ato de construir as notícias embasadas apenas em declarações. Algo que está presente nas considerações de autores como Tambosi (2005), para o qual, a prática pode ser entendida como o tipo de matéria - seja de rádio, TV, online ou impresso - baseada exclusivamente nas declarações ou falas das fontes. Essa, por sinal, é uma definição bem sucinta que pode ser encontrada numa nota de rodapé de um artigo que o autor escreveu sobre informação e conhecimento no jornalismo, no ano de 2005.

Existe uma lacuna. Uma percepção - via de regra - taxativa da academia e dos repórteres sobre o fenômeno do Jornalismo Declaratório, o definindo como uma prática meramente baseada em declarações e exemplo de mau jornalismo. Como pensar novas formas e prá-

ticas do jornalismo que buscam a humanização das fontes também na perspectiva da declaração? Nesse sentido há que se definir e pensar como essa prática se constrói para além do fenômeno aparente e se apresenta como um conceito na sua relação entre os(as) agentes poderosos e os(as) jornalistas.

De fato, os estudos sobre o tema no campo da Comunicação ainda são recentes, mas a cada dia ganham atenção de pesquisadores e dos profissionais da área. Rubim & Colling (2006) destacam que o declaratório, “cabe ao repórter apenas a tarefa de coletar as declarações das fontes, sem nenhuma preocupação em saber se as informações são verdadeiras ou não” (Rubim & Colling, 2006, p. 181). Já para Oliveira (2018), por mais contraditório que seja o uso das declarações, elas são necessárias para o jornalismo, principalmente para o jornalismo diário. O problema é quando não se verifica devidamente uma declaração importante, isso pode ser uma “arma midiática letal” (Oliveira, 2018, p. 55) para políticos e organizações interessadas em impor seus discursos.

Percebe-se até aqui que uma das características do JD é colocar as declarações contidas nas notícias como se fossem fatos concretos, que falam por si só. É o que Sponholz (2009) classifica como “declarações descritivas” que têm a pretensão de verdade. Esses tipos de falas são posicionamentos das fontes encontrados facilmente no corpus de análise deste artigo. Em uma campanha eleitoral - que envolve o nosso objeto de investigação - os candidatos e seus assessores querem passar ao eleitor essa pretensão de verdade: “É importante ressaltar que uma declaração descritiva não é per si verdadeira, ou seja, nem sempre corresponde à realidade. Para tomar isto claro, a declaração ‘A casa está pegando fogo’ pode ser falsa” (Sponholz, 2009, p. 24).

Além das declarações descritivas, a autora elenca mais dois tipos de declarações: “as diretivas e as expressivas ou declarativas” (Sponholz, 2009, p. 22): As declarações diretivas são aquelas relacionadas à “correção de decisões práticas, dos conselhos ou orientações de ação”; e as expressivas ou declarativas dizem respeito à “veracidade ou sinceridade das expressões”. A autora observa que esses dois tipos de declarações entram num campo mais subjetivo, não verificável empiricamente, como as declarações descritivas. Mas ela pondera que podem ser submetidas a um processo de argumentação, a exemplo de frases como “João é um bom bombeiro” (Sponholz, 2009, p. 23).

O que Sponholz (2009) pontua com esses diferentes tipos de declarações é que quando se trata de jornalismo, essas declarações precisam ser verificadas de alguma forma. Seja empiricamente (indo ao local para ver se a casa realmente está pegando fogo) ou checando a informação através do cruzamento de dados ou de

modo intersubjetivo (saber se diferentes pessoas chegaram aos mesmos resultados).

Alguns autores também consideram que o Jornalismo Declaratório seria o processo inicial de apuração da notícia que acaba sendo veiculado como notícia pronta e acabada, a partir da reprodução das declarações das fontes. Essa reprodução também pode ocorrer por meio das fontes documentais que não são verificadas, como dossiês, delações premiadas e boletins de ocorrência policial. Nesse sentido, as declarações também são entendidas como fatos. Mas entra aí um segundo fator, definido pela professora Sylvia Moretzsohn (2007) como “jornalismo de mãos limpas”.

Nesse caso, o profissional joga a versão de cada fonte na matéria e deixa que o público tire suas próprias conclusões. No entanto, essas declarações via de regra estão carregadas de ideologias, de vícios, imprecisões e preconceitos.

[...] o jornalista consulta suas fontes, “relata os fatos”, e lava as mãos. Porém as mãos estão sempre sujas, no sentido mais geral de que, como diz Schudson (in Curran e Gurevitch, 2000, p. 176), os jornalista inevitavelmente “*make the news*” (na acepção da construção social da realidade); e eventualmente ficam sujas no sentido mais banal e reprovável, propiciando às vezes espetáculos deprimentes, embora muito esclarecedores, como a do esfarrapado pedido de desculpas do New York Times, em 2004, sobre o recurso a fontes francamente comprometidas com os interesses americanos que justificavam a invasão do Iraque, em reportagens publicadas às vésperas do início do ataque (Moretzsohn, 2007, p. 187).

Trata-se de uma situação que também pode ser enquadrada no conceito de “naturalização dos fatos”, também proposto por Moretzsohn (2007). Para a autora, ao atrelar os fatos jornalísticos a essa máquina da informação “que os produz ou enquadra”, as situações ali postas simulam “sequência natural” dos acontecimentos, uma espécie de espelhamento da realidade. Nesse sentido, há uma confiança por parte dos jornalistas de que os “fatos falam por si” e são neutros, intocáveis, sem relação de subjetividade ou construção. Esse processo de naturalização dos fatos e de falta de crítica estaria atrelado à ideia de um “jornalismo de mãos limpas” ao jogar para as fontes a responsabilidade discursiva sobre esses fatos.

Diante dos inúmeros discursos mentirosos de políticos autoritários ou neopopulistas como o presidente da república Jair Bolsonaro ou o próprio então presidente dos EUA, Donald Trump, Chagas (2020) discute que há também uma naturalização dos pseu-

do-fatos. Para tal, o autor se ancora nos conceitos de pseudoeventos e psedudofatos a partir de Lorenzo Gomis (2004). Gomis (2004) explica que políticos, autoridades oficiais, criam psedoeventos e psedeufatos o tempo todo. É a inauguração de uma barragem hidrelétrica, a construção de casas populares ou a pavimentação de uma importante rodovia. Ocorre aqui o que Gomis (2004) entende por uma troca, pois as fontes interessadas precisam da mídia para fazer valer seus interesses; ao mesmo tempo em que na imprensa hegemônica existe uma relação de dependência (Chagas, 2020) dessas fontes para a produção de notícias.

A ideia de objetividade no jornalismo também está presente quando relacionamos o Jornalismo Declaratório como a entrada das aspás em um ritual estratégico de jogar para as fontes a responsabilidade pelo que foi dito (Tuchman, 1999). Nesse sentido, o conceito de objetividade estaria inserido nas ideias de “equilíbrio, independência, transparência das fontes, separação de notícias em comentários, precisão, imparcialidade, veracidade, neutralidade e foco em fatos” (Sponholz, 2009, p. 17).

No entanto, Henriques (2020) observa que esse tipo de objetividade como meta é um equívoco que precisa ser superado, pois limita o pensamento crítico do jornalista durante a apuração de uma pauta, criando uma espécie de bloqueio que o impede de ir além das declarações apresentadas pelas fontes.

O risco de se acreditar que os fatos já estão estabelecidos e que toda a ação do sujeito deve estar pautada em um posicionamento contemplativo é que, ao negar a inevitável interpretação subjetiva dos fenômenos, o jornalista pode justamente ficar refém das percepções e significações hegemônicas da realidade, determinando-as como as únicas possíveis, isto é, como verdades inquestionáveis (Henriques, 2020, p.10).

Sponholz (2009) propõe a objetividade não como meta, que é a visão mais clássica do conceito; mas sim como reconstrução da realidade. Para isso, são necessárias a verificação e a investigação durante a produção dos textos jornalísticos: “a palavra-chave para objetividade – quando este princípio é entendido com relação à procura e à aproximação da realidade, à verdade como correspondência – não é neutralidade, mas sim investigação” (Sponholz, 2009, p. 20-21).

Nessa perspectiva, o jornalismo é entendido como uma forma de conhecimento e a objetividade funcionaria como mediadora entre a “realidade social (primária) e a realidade midiática (secundária)” (Sponholz, 2009, p. 18). A autora entende que o jornalismo é um tipo de conhecimento híbrido, que junta noções do senso comum e técnicas semelhantes a da ciência,

como o teste de hipóteses, para se chegar a determinados resultados. O jornalismo se assemelha ao senso comum por causa da função que ambos têm: de fornecer às pessoas subsídios para “sobrevivência; fornecimento de modelos de ação/orientação” (Sponholz, 2009, p. 115) perante o mundo.

Robert Park (1940) analisou dois tipos de conhecimento: “o conhecimento de trato” e o “conhecimento acerca de...” para conceituar a notícia dentro desse processo. O primeiro refere-se às coisas com que lidamos no nosso dia-dia. É um tipo de conhecimento baseado na experiência prática que adquirimos ao longo da vida, como forma de sobreviver no mundo. Já “o conhecimento acerca de...” é baseado na observação sistemática e criada a partir de hipóteses, perguntas e respostas. Segundo Park (1940), é um tipo de conhecimento que conceitua, que permite que palavras, ideias, interajam com as coisas do mundo real, possibilitando que tais conceitos formulados possam ser verificados e testados na prática. Depois de estabelecer essas duas formas de conhecimento, Park caracteriza a notícia como uma forma de conhecimento intermediário, entre essas duas posições, se aproximando um pouco mais do “conhecimento de”, com objetivo de orientar as pessoas em seu cotidiano. Seria, por assim dizer, uma ciência menor, que no seu fazer, traz métodos similares ao da Ciência e da História.

Genro Filho (1987), no entanto, faz críticas ao trabalho de Park. Ele afirma que o sociólogo possui uma visão muito funcionalista do Jornalismo como forma de conhecimento, no sentido de apenas cumprir uma função social para manter o status quo capitalista. O autor observa que Park (1940) não leva em conta o potencial transformador da prática, e a própria subjetividade dos fatos e dos processos históricos que compõem a cosmologia humana em sua jornada no planeta Terra. Genro Filho (2012) enfatiza que a profissão é atravessada por processos históricos e igualmente por uma “dimensão simbólica do processo global de apropriação coletiva da realidade” (Genro Filho, 1987, s/p). Dessa forma, as reflexões mais atuais, no Campo da Comunicação, têm se debruçado no sentido de pensar que o jornalismo pode ser produtor e reproduzidor de conhecimento a partir de um ponto de vista menos funcionalista, mais racionalista e cognitivo (Meditsch, 2002).

Para Sponholz (2009, p. 108), enquanto o senso comum não exige justificativas para acreditar em suas crenças, e “suposições são tratadas como verdade óbvias”, no jornalismo, essencialmente falando, essas suposições são colocadas em cheque. Elas devem ser verificadas, pois, quando um repórter apura uma matéria não pode aceitar das fontes informações do tipo “ouvir dizer que é assim”. Quem falou que “é assim”? E porque é assim? Quais são as justificativas?

Nesse aspecto, conhecimento científico e jornalístico se aproximam, pois ambos trabalham com hipóteses que são expostas a um método profissional (cada área com o seu método). No jornalismo, as hipóteses surgem a partir das pautas. Se elas se confirmarem, a reportagem é produzida. Se não, “a pauta cai”. Já na ciência, as hipóteses são elaboradas por meio de fundamentações teóricas que envolvem determinados objetos (Sponholz, 2009). De qualquer forma, independente dos diferentes caminhos metodológicos, o fato é que ambos os conhecimentos (jornalismo e ciência) testam suas hipóteses para desenvolverem seus respectivos trabalhos.

Tambosi (2005), por sua vez, entende que o jornalismo só pode ser um tipo de conhecimento por meio do “conhecimento proposicional”, que é um tipo de conhecimento baseado em declarações. O autor defende que esse tipo de conhecimento é o mais adequado para o jornalismo, tendo em vista que a profissão essencialmente se baseia em declarações para produzir as notícias, principalmente se pegarmos o Jornalismo Declaratório, como exemplo.

É aqui, segundo Tambosi (2005), que reside um problema de ordem epistemológica do jornalismo como forma de conhecimento, tendo em vista que nem todas as declarações podem ser checadas e muitas delas podem ser falsas. Essa questão da verdade para o autor é fundamental para o conhecimento. Em seu artigo “Informação e conhecimento no jornalismo”, ele é taxativo ao dizer que conhecimento é uma “crença verdadeira e justificada” (Tambosi, 2005, p. 33). Ou seja, para que haja conhecimento tem que haver verdade: “(...) a informação pode ser falsa, mas não o conhecimento, que é sempre verdadeiro, ou não é conhecimento” (Tambosi, 2005, p. 34).

A partir disso, o autor avalia que quanto mais declaratório o jornalismo for, mais distante ele ficará como forma de conhecimento, pelo menos de maneira autônoma, já que, na acepção de Tambosi (2005), se as declarações nas notícias se confirmarem como verdadeiras, dessa forma, o JD podem sim ter gerado conhecimento. Mas isso seria num segundo momento, dentro de uma perspectiva histórica/testemunhal, mais *a posteriori*, que se prova como verdade ao longo do tempo.

Num primeiro momento, Tambosi (2005) acredita que só o “Jornalismo Investigativo” teria a capacidade de se aproximar do conhecimento. Nessa modalidade, o autor entende que o repórter quando apura uma notícia, não sai só em busca de informações dentro de um processo mais pragmático/instrumental. Ele também busca a cognição, o conhecimento, pois todo processo investigativo, conforme Tambosi (2005), envolve

hipóteses e crenças justificadas, no sentido de estabelecer a verdade.

Trata-se de uma lógica que se aproxima muito da ciência que produz conhecimento a partir de crenças justificadas. Mas Sponholz (2009), por sua vez, discorda de Tambosi. Para ela, nem toda crença, necessariamente precisa ser justificada, e nem por isso ela deixa de ser conhecimento.

Na perspectiva da reconstrução da realidade e do jornalismo como uma forma híbrida de conhecimento, no argumento de Sponholz (2009), assentar as notícias no âmbito das declarações tem uma relação direta com as informações disseminadas durante a campanha eleitoral. O(a) jornalista necessita da tensionar e utilizar da diversidade de vozes para questionar a realidade social e ir além da naturalização dos fatos (Moretzhon, 2007) e dos pseudofatos (Chagas, 2020). Nesse contexto está o objetivo da pesquisa em meio às crescentes pressões da indústria de assessorias de imprensa cada vez mais sofisticadas no que Chaparro (1994) chama de revolução das fontes.

ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA PARA ENTENDER O JORNALISMO DECLARATÓRIO

A Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) foi a ferramenta utilizada para identificar preliminarmente, as características e os tipos de declarações contidas no Jornalismo Declaratório da imprensa cuiabana, durante a última semana da cobertura do período eleitoral do primeiro turno das eleições municipais. Resolvemos adotar ACJ porque ajuda a avançar em questões específicas do produto noticioso e se organiza como uma forma multimétodo de olhar para o período. Essa adaptação da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) para os estudos em Comunicação focados no jornalismo (Silva & Maia, 2011) também são aqui reorganizadas de forma a entender a entrada das declarações e das fontes associadas a essas falas.

A ACJ possui ferramentas adicionais para analisar as especificidades de uma notícia, como, por exemplo, as marcas de apuração contidas no próprio texto, pois, a partir das técnicas desse protocolo é possível saber se, para produzir a matéria, o jornalista foi até o local do acontecimento ou apurou só pelo telefone, quais tipos de fontes ele consultou ou se trata de uma informação em primeira mão, que segundo Silva & Maia (2011, p. 28) são “obtidas diretamente pelos autores do texto e podem ser fornecidas por fontes de naturezas diversas (inclusive por meio de declarações públicas em coletivas de imprensa e eventos em geral)”.

As autoras frisam que o protocolo foi desenvolvido para analisar textos em jornais impressos. No entanto, entendemos que os três níveis analíticos da ferramenta – “(1º) marcas de apuração, (2º) marcas da composição do produto e (3º) aspectos da caracterização contextual” (Silva & Maia, 2011, p. 26) podem ser adaptados para os objetivos desta pesquisa. Dessa forma, a ideia é se apropriar desses níveis para, a partir do material coletado e com o apoio da Análise de Conteúdo, estabelecer tipos de categorias e as formas de apuração do Jornalismo Declaratório, ou seja: saber quais fontes foram usadas, como são relacionadas às declarações, número de fontes por notícia e se houve contraditório.

Para verificar a relação entre as declarações e as fontes, inserimos um 4º Nível, que chamamos de Marcas da Declaração para observar as seguintes incidências: a) tipos de declaração, segundo aponta Sponholz (2009); b) número de fontes por notícia; c) fontes com declarações que embasaram a notícia ou foram fontes únicas; d) declarações sem contraditório; e) declarações com contraditório; e f) tipos de fontes com declarações selecionadas.

É possível perceber de onde vem as informações, se do poder público, de autoridades políticas, instituições privadas ou assessorias de imprensa. Inserimos também algumas especificidades, como as marcas de contraponto para perceber se essas declarações foram aceitas sem resistência ou contraditório; as formas de verificação apresentadas no texto/áudio sobre as declarações. Esses pontos auxiliam a categorizar as diferentes características do Jornalismo Declaratório durante o período eleitoral.

O material coletado neste artigo foram notícias baseadas em JD sobre os candidatos à prefeitura da cidade de Cuiabá¹, publicadas pelo site *MidiaNews*. O corpus de análise compreendeu o recorte de uma semana antes da votação em primeiro turno - período que vai de 9 a 13 de novembro de 2020. O primeiro turno das eleições municipais da capital mato-grossense envolveu os seguintes candidatos: Emanuel Pinheiro (MDB), Julier Sebastião (PT), Gisela Simona (PROS), Aécio Rodrigues (PSL), Abílio Júnior (Podemos), Pedro Henrique (Novo), Gilberto Lopes (PSOL) e Roberto França (Patriota).

Como parte do 3º nível de análise com os aspectos da caracterização contextual, escolhemos os sites, inseridos no jornalismo online, pela capacidade que essa mídia tem de produzir notícias em grande escala, em alta velocidade e baseadas em métricas de audiência (buscar por assuntos que dê mais cliques a página, por exemplo). Fatores que, por si só, podem comprometer a qualidade da informação devido à falta de verificação das declarações das fontes inseridas nas matérias.

O portal *MidiaNews*, inaugurado em 1999, está entre os sites mais antigos e também mais acessados de Mato Grosso, a partir de uma amostragem do serviço da Web Alexa Top Sites. Sua trajetória é marcada por uma forte cobertura dos bastidores da política local e das eleições municipais e estaduais das últimas duas décadas. Em sua editoria de política, as matérias, em sua grande maioria, são marcadas pela busca de uma factualidade e se restringem às declarações das autoridades políticas que repercutem os assuntos gerados pelo campo político local, como: projetos de leis, disputa eleitoral, articulação de bastidores, coligações partidárias e troca de acusações entre as figuras políticas mais proeminentes de Cuiabá e do estado.

Para separar no corpus de análise as notícias como sendo Jornalismo Declaratório utilizamos como critério as definições de Tambosi (2005) e Oliveira (2018) sobre o assunto. Conforme Tambosi, Jornalismo Declaratório seriam notícias construídas apenas com base nas declarações das fontes. Oliveira (2009) acrescenta que nessa construção, a questão da verificação das declarações fica em segundo plano. Ou seja, prioriza-se as falas, que são colocadas como verdades nas notícias, que beneficiam, normalmente, a fonte que fez a declaração que originou a matéria jornalística.

A partir desse entendimento, selecionamos as notícias da seguinte forma: a) produzidas a partir das

declarações dos candidatos à prefeitura de Cuiabá. Aqui entram, por exemplo, notícias construídas com base em entrevistas com os candidatos, feitas pelos jornalistas, e notícias que foram construídas a partir dos programas eleitorais dos candidatos, veiculados nas emissoras de rádio e TV; e b) notícias produzidas a partir das declarações de outros agentes políticos, que também estavam inseridos no processo eleitoral. Esses agentes podem ser cabos eleitorais, bem como outros políticos de expressão que apoiam determinados candidatos.

Na semana anterior ao primeiro turno das eleições municipais de 2020, foram encontradas 39 notícias inseridas no contexto da cobertura eleitoral. Todas elas estão inseridas nas características centradas no cotidiano e na agenda dos candidatos, o que configura a ideia da corrida de cavalos como uma prática do *MidiaNews* durante o período (Porto, 2004; Massuchin, 2018). Com a aplicação dos critérios definidos para entender o Jornalismo Declaratório, foram selecionadas 27 notícias para análise (Quadro 1), nas quais se baseavam apenas na fala das fontes para construir o material noticioso.

No 1º Nível de Análise que identifica as marcas de apuração, o conjunto de notícias analisadas evidenciou uma apuração interna, dentro das redações na maioria das unidades selecionadas. Em um total de 23 matérias,

Quadro 1: Notícias analisadas do *Mídia News* (1º turno)

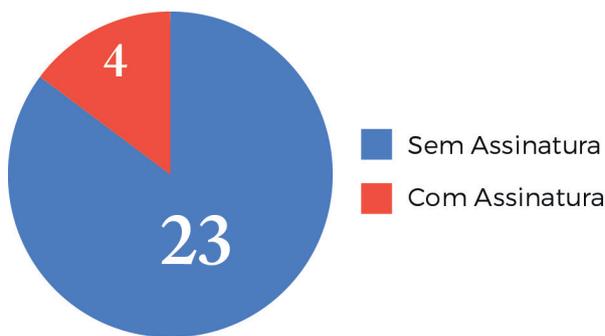
Data de publicação	Título	Links
(1) 9.11.20	“A população percebe que a cidade não pode parar”, diz Emanuel	https://bityli.com/PejEO
(2) 9.11.20	Casa Civil critica “falta de reconhecimento” de Emanuel a Mauro	https://www.midianews.com.br/politica/casa-civil-critica-falta-de-reconhecimento-de-emanuel-a-mauro/387230
(3) 9.11.20	Emanuel: “Adversários não têm propostas e partem para baixaria”	https://www.midianews.com.br/politica/emanuel-adversarios-nao-tem-propostas-e-partem-para-baixaria/387681
(4) 9.11.20	Gisela diz que respeita decisão, mas mantém opinião sobre Abílio	https://www.midianews.com.br/politica/gisela-diz-que-respeita-decisao-mas-mantem-opinio-sobre-abilio/387669
(5) 9.11.20	Mendes diz não ser “momento de aventura” e pede voto a França	https://www.midianews.com.br/politica/mendes-diz-nao-ser-momento-de-aventura-e-pede-voto-a-franca/387716
(6) 9.11.20	“Aventureira é ela, que mudou para Cuiabá só para se candidatar”	https://www.midianews.com.br/politica/aventureira-e-ela-que-mudou-para-cuiaba-so-para-se-candidatar/387690
(7) 9.11.20	“Não tenho amarrações com donos de empresas”	https://www.midianews.com.br/politica/nao-tenho-amarracoes-com-donos-de-empresas-diz-aecio/387714
(8) 9.11.20	Abílio quer vice como secretário ou coordenador de todas Pastas	https://www.midianews.com.br/politica/abilio-quer-vice-como-secretario-ou-coordenador-de-todas-pastas/387781
(9) 10.11.20	“RIVALIDADE”: “Emanuel tem medo de me enfrentar no 2º turno, pois já o venci”	https://www.midianews.com.br/politica/emanuel-tem-medo-de-me-enfrentar-no-2-turno-fois-ja-o-venci/387791

(10)	10.11.20	PROGRAMA: França promete bancar 1ª CNH; Abílio cita maior acessibilidade	https://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=1&cid=387750
(11)	10.11.20	“Gestão Mendes deixou esqueletos a céu aberto e dor de cabeça”	https://www.midianews.com.br/politica/gestao-mendes-deixou-esqueletos-a-ceu-aberto-e-dor-de-cabeca/387698
(12)	10.11.20	Gisela vê chance de 2º turno e pede comparação entre candidatos	https://www.midianews.com.br/politica/gisela-ve-chance-de-2-turno-e-pede-comparacao-entre-candidatos/387686
(13)	10.11.20	REELEIÇÃO: Na reta final, Emanuel vai priorizar o corpo a corpo nos bairros	https://www.midianews.com.br/politica/na-reta-final-emanuel-vai-priorizar-o-corpo-a-corpo-nos-bairros/387727
(14)	11.11.20	Emanuel: adversários combinaram ataques e baixaram o nível	https://www.midianews.com.br/politica/emanuel-adversarios-combinaram-ataques-e-baixaram-o-nivel/387837
(15)	11.11.20	Emanuel cita obra; Gisela mostra vice; França fala com indecisos	https://www.midianews.com.br/amp/politica/387870
(16)	11.11.20	“Fui agredido e tive que responder”, diz França sobre bate-boca	https://www.midianews.com.br/politica/fui-agredido-e-tive-que-responder-diz-franca-sobre-bate-boca/387853
(17)	11.11.20	Júlio diz que França estará no 2º turno e vencerá eleição em Cuiabá	https://www.midianews.com.br/politica/julio-diz-que-franca-estara-no-2-turno-e-vencera-eleicao-em-cuiaba/387808
(18)	11.11.20	Emanuel cita condenação de França, que rebate: “Lave a boca”	https://www.midianews.com.br/politica/emanuel-cita-condenacao-de-franca-que-rebate-lave-a-boca/387803
(19)	11.11.20	“Não há invasão; entrei na Secretaria da Mulher como vereador”	https://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=1&cid=387804
(20)	11.11.20	Veja os momentos mais “quentes” do debate da TV Vila Real	https://www.midianews.com.br/politica/veja-os-momentos-mais-quentes-do-debate-da-tv-vila-real/387852
(21)	12.11.20	DEM inteiro está com França e atuando para ele ir ao 2º turno”	https://www.midianews.com.br/politica/dem-inteiro-esta-com-franca-e-atuando-para-ele-ir-ao-2-turno/387897
(22)	12.11.20	França diz que dará “lapada” na corrupção e exibe direito de resposta	https://www.midianews.com.br/politica/franca-diz-que-dara-lapada-na-corrupcao-e-exibe-direito-de-resposta/387953
(23)	12.11.20	França: “Verdadeira pesquisa é no dia 15; estaremos no 2ª turno”	https://www.midianews.com.br/politica/franca-verdadeira-pesquisa-e-no-dia-15-estaremos-no-2-turno/387912
(24)	12.11.20	“Tem cunho eleitoral, é tudo pelo poder”, diz primeira-dama	https://www.midianews.com.br/politica/tem-cunho-eleitoral-e-tudo-pelo-poder-rebate-primeira-dama/387889
(25)	13.11.20	Abílio: “Usaram a pandemia para fazer ‘cabidão’ de empregos”	https://www.midianews.com.br/politica/abilio-usaram-a-pandemia-para-fazer-cabidao-de-empregos/387751
(26)	13.11.20	“Emanuel deixou uma bomba-relógio”	https://www.midianews.com.br/politica/emanuel-deixou-uma-bomba-relogio-que-vai-estourar-em-2021/388022.com.br/CFZ0
(27)	13.11.20	“França no 2º turno irá derrotar momento obscuro que Cuiabá viveu”	https://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=1&cid=387958

Fonte: Elaboração do autor

a identificação dos repórteres ou do termo “redação” foi algo recorrente para a assinatura dos materiais. Por outro lado, apenas quatro se apresentavam diretamente como produções realizadas no interior da redação, ou seja, sem ir ao local dos acontecimentos.

Figura 2 : Assinatura de Repórteres



Fonte: Autoria própria

A revolução das fontes (Chaparro, 2004) e a profissionalização das assessorias de imprensa como uma característica também do interesse em mobilizar a opinião pública durante a cobertura (Salgado, 2012) é identificada na utilização de imagens e fotografias identificadas pelo crédito. Nesse sentido, é possível apontar a possibilidade de uma curadoria dos materiais oriundos das fontes e suas assessorias em que os(as) repórteres e editores(as) reestruturam os textos em acordo com os interesses do site, mas não buscam contraditórios ou outras fontes para exercitar essas práticas.

Essa ausência do contraditório também pode ser percebida no conjunto de fontes. Durante esse período, um total de 58 fontes foram utilizadas, todas elas oficiais. A preponderância desse tipo de voz é uma característica que afeta a diversidade noticiosa e impõe à cobertura uma hegemonia do mundo político (Miguel & Biroli, 2010) foi a marca do portal durante esse período. Não há outras vozes, ainda que especialistas, populares, empresariais ou institucionais reivindicando políticas, questionando ações ou propondo saídas para os problemas sociais enfrentados pela cidade em um momento marcado pela pandemia do novo coronavírus.

A preferência pelas fontes oficiais já inserida como tradição no jornalismo (Traquina, 2005) e com o reconhecimento de que o mundo da política é um mundo de homens de gravata (Miguel & Biroli, 2010), a cobertura eleitoral do jornalismo pode produzir sentidos de forma enviesada e implicar na reconstrução da realidade a partir de um espaço de disputas desigual no momento da cobertura eleitoral. Essa relação entre a supremacia das fontes oficiais na prática do JD se estende aos formatos utilizados, com notícias rápidas

caracterizadas por fontes únicas e com recursos adicionais escassos.

Os dados desse primeiro nível de análise nos levam a esses indícios de “jornalistas sentados” em matérias como “Emanuel: adversários combinaram ataques e baixaram o nível”. Essa matéria foi publicada quatro dias antes da votação em primeiro turno e teve como fonte única e oficial a declaração do candidato à reeleição a prefeito de Cuiabá, Emanuel Pinheiro. Na oportunidade, ele concedeu entrevista aos jornalistas logo após um debate televisivo e se queixou dos diversos ataques pessoais que teria sofrido de seus adversários políticos. A marca de apuração do protocolo na parte de *Assinatura* nos mostra que essa notícia publicada no *MidiaNews* - que teve como gancho o reclame do prefeito - foi produzida por duas repórteres, sugerindo que uma coletou a declaração do político no local da coletiva de imprensa improvisada e enviou o áudio à redação para que a colega construísse a notícia. É um indício que se reforça ainda mais com a utilização de recursos visuais na matéria, no caso uma foto que mostra o prefeito cercado por jornalistas que gravaram as declarações com o uso de celulares. O *recurso visual* também é um dos itens que constam na ACJ, que ajudam a evidenciar os caminhos que os profissionais costumam percorrer durante a construção das notícias. Ele aparece com um dos tópicos do 2º Nível do protocolo denominado “Marcas da Composição do Produto”.

Figura 3 : “Coletiva do prefeito Emanuel Pinheiro”.



Fonte: Compilação do autor

O 2º Nível com as marcas da composição do produto revela um conjunto de fotos enviadas por assessorias de imprensa e o destaque às declarações como preferência no formato visual das páginas web. O “olho” utilizado como um recurso adicional em uma matéria baseada somente na declaração amplia a leitura superficial em que o que importa deixa de ser a apuração ou os dados de contraposição do repórter. Nesses casos, para além daquilo que já é o habitual quando se priorizam as aspas ao invés do conteúdo, o jornalismo amplia seu espaço para eventuais equívocos, julgamentos e outras precepções que tornam questionável essa produção de conhecimento quando analisada na ótica de Tambosi (2005). A utilização desse recurso gráfico/visual quando voltada à centraliza-

ção da fala da fonte sem contraditório reforça a natureza declaratória das notícias. Situação que fica bem evidente na matéria “Emanuel cita condenação de França, que rebate: ‘Lave a boca’”. A notícia foi produzida no dia 11 de novembro de 2020, a partir de um debate na TV entre os oito candidatos à prefeitura de Cuiabá. O texto, publicado durante o debate, envolveu a autoria de quatro jornalistas do *MidiaNews*. De longe, é a notícia mais extensa do material coletado, em que há uma pluralidade de fontes. Só nessa matéria há utilização de oito ‘olhos’ que dão destaque às declarações dos oito candidatos envolvidos no debate.

Figura 4 : “Declaração em destaque”

Em sua resposta, o prefeito disse já ter se posicionado para a sociedade sobre o assunto e cutucou o ex-juiz e passou a falar sobre as suas obras na Capital, principalmente a entrega do Hospital Municipal de Cuiabá.

“Muito me estranha que um ex-juiz não saber que eu não poderia me manifestar em processo sob sigilo. Eu gostaria de lembrar que promovemos as maiores realizações da história de Cuiabá”, disse.

Julier então falou de sua proposta para a Saúde da Capital, o “Saúde em Casa”, e repetiu a pergunta ao prefeito, que rebateu:

“Fico feliz que o ex-juiz já conhece o nosso governo e sabe que já criamos o atendimento em casa, principalmente para os idosos. Muito obrigado por aprovar a minha gestão”, afirmou.

Julier questiona Gisela sobre gestão Mauro Mendes e Jair Bolsonaro (atualizada às 11h20)

Julier Sebastião questionou a candidata do Pro, Gisela Simona, sobre como ela analisa a gestão do governador Mauro Mendes (DEM) e o presidente Jair Bolsonaro (sem partido), insinuando que ela atua contra o servidor público.

Gisela respondeu que é servidora pública concursada desde 2001 e disse que teve a honra de ser superintendente do Procon.

Ele ainda ressaltou que é contra a reforma da Previdência, mas disse que na prefeitura terá um bom diálogo com Mendes e Bolsonaro.

“ Fico feliz que o ex-juiz já conhece o nosso governo e sabe que já criamos o atendimento em casa, principalmente para os idosos ”

Fonte: Compilação do autor

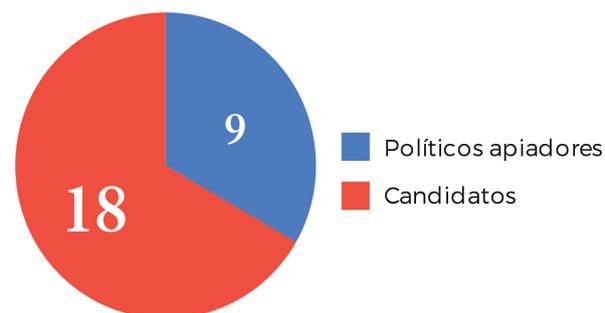
Aqui, as declarações também cumprem um ritual estratégico de objetividade (Tuchman, 1999), pois, ao reproduzi-las entre aspas, a impressão que fica é que o(a) jornalista, de fato, foi objetivo. Mas na prática, esse procedimento funciona mais como um mecanismo de defesa, tanto do jornalista quanto da empresa que quer, por exemplo, se livrar de eventuais processos judiciais. Por isso, é estratégico não assumir as informações mais delicadas e jogá-las tudo na boca das fontes, praticando assim o “jornalismo de mãos limpas”, como pressupõe Moretzsohn (2007).

Já em relação ao 4º nível “Marcas da Declaração” - que acrescentamos ao protocolo original, para ajudar a caracterizar o JD - todas as 27 notícias baseadas em declaratório foram feitas com fontes únicas, de natureza oficial. Os jornalistas, por exemplo, não fizeram nenhuma entrevista com fontes populares ou ouviram especialistas, no sentido de trazer o contraditório.

Quanto à natureza das fontes, das 27 notícias analisadas, 18 delas contaram apenas com as falas dos candidatos à prefeitura de Cuiabá. Já nas notícias restantes (9), as declarações vieram de outros atores políticos inseridos no processo eleitoral, também dentro da lógica do oficial. Foram declarações de apoio ou crítica a determinados candidatos. As declarações do governador de Mato Grosso, Mauro Mendes (DEM), por exemplo, renderam duas notícias durante a última semana de cobertura das eleições, antes da votação no primeiro turno. Durante o

período eleitoral o governador declarou apoio ao candidato Roberto França (Patriota) ao dizer que ele era “o melhor para Cuiabá”³. Já nas vésperas da votação, Mendes declarou ao *MidiaNews* que França no segundo turno iria derrotar o “momento obscuro que Cuiabá viveu”⁴, fazendo uma crítica direta ao seu adversário político, o prefeito de Cuiabá, Emanuel Pinheiro (MDB), que na época era candidato à reeleição. Mesmo com todo apoio e expectativa do governador, França não foi para o segundo turno, ficando apenas em quarto lugar na disputa eleitoral⁵.

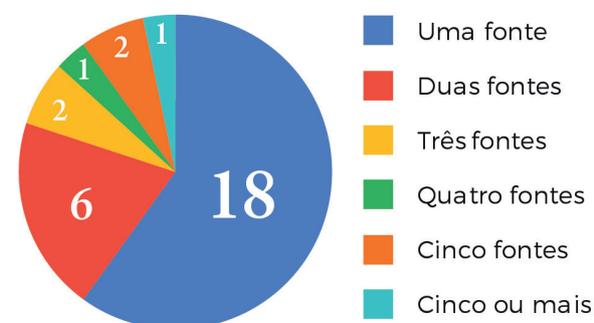
Figura 5 : Natureza das Fontes



Fonte: Autoria própria

No que diz respeito ao número de fontes por notícia, das 27 aferidas, em 15 delas os jornalistas consultaram apenas uma fonte para fazer o texto, o que representa mais da metade (60%) do material analisado. Em segundo lugar do ranking constam seis matérias (20%), cada uma produzida somente com declarações de 2 fontes. Em seguida vem duas notícias com 5 fontes (6,7%), mais duas com 3 fontes cada (6,7%), uma com quatro fontes (3,3%); e mais uma com 8 fontes (3,3%). Vale destacar que esta última notícia o site produziu a partir da cobertura de um debate na TV que ocorreu entre os candidatos à prefeitura de Cuiabá⁶. As oitos fontes, neste caso, são os próprios candidatos envolvidos na disputa.

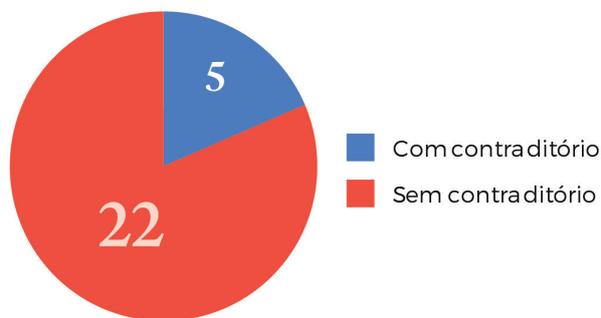
Figura 5 : Fontes por notícia



Fonte: Autoria própria

Das 27 notícias, 22 são de declarações sem contraditório. E quando houve o contraditório (5 notícias), também tratava-se de uma fonte oficial, via de regra, um candidato rebatendo a acusação do outro⁷.

Figura 5 : Natureza das Fontes



Fonte: Autoria própria

De modo preliminar, também identificamos no *corpus* de análise alguns “Tipos de Declaração” teorizados pela professora Liriam Sponholz (2009). Dentre eles estão: as declarações descritivas com pretensão de verdade, e as declarações expressivas. Só lembrando o que já foi explicado em tópico anterior, nas declarações descritivas existe a possibilidade do repórter verificar a informação, como, por exemplo, “o edifício desabou”. Já as expressivas não são possíveis de serem checadas empiricamente, cabendo, portanto, um processo de argumentação em cima da fala.

Vejamos o exemplo do chefe da Casa Civil de Mato Grosso, Mauro Carvalho (DEM), que no dia 9 de novembro de 2020 declarou à imprensa que o prefeito de Cuiabá, Emanuel Pinheiro (MDB), não soube reconhecer a importância do governador Mauro Mendes (DEM) para a construção do novo Pronto Socorro de Cuiabá. A declaração de Carvalho estava inserida num contexto de apoio ao candidato Roberto França (Patriota), que à época das eleições era apoiado pelo grupo político do governador. “*Uma grande injustiça e falta de reconhecimento do prefeito Emanuel Pinheiro, como sempre atuando dessa forma. Quem iniciou, quem fez o projeto desse novo Pronto Socorro foi o governador Mauro Mendes junto com a sua equipe. Ele deixou a obra mais de 30% finalizada*”⁸

No dia seguinte (10.11.2020) veio a resposta do grupo político do prefeito Emanuel Pinheiro pela secretária de Governo e Saúde de Cuiabá, Ozerina Félix. Ela encaminhou nota à imprensa criticando a “falta de conhecimento” de Mauro Carvalho em relação a atuação do prefeito para concluir a obra do novo Pronto Socorro. Sites, como o *MidiaNews*, transformaram o texto em notícia baseada apenas na declaração da gestora.

No exemplo exposto, consideramos, com base no que foi proposto por Sponholz (2009), que essas declarações entram na categoria “expressiva”. Isso porque, no momento em que essas declarações foram proferi-

das já não havia mais a possibilidade do repórter ir até o local para checar se a obra realmente estava abandonada ou em que estágio estava a sua conclusão; se 26%, como falou a secretária municipal; ou em mais de 30% como defendeu o chefe da Casa Civil de Mato Grosso. As obras do hospital iniciaram em julho de 2015 e terminaram em dezembro de 2018⁹. Já as declarações das duas fontes ocorreram dois anos depois.

Por outro lado, os repórteres poderiam ter submetido essas declarações a um processo de argumentação, procurando outras fontes para cruzar as informações para se chegar numa produção noticiosa de reconstrução da realidade (Sponholz, 2009). Para além de um processo de argumentação, os jornalistas poderiam fazer a checagem por meio de fontes documentais. Uma delas foi sugerida pela própria secretária do prefeito que declarou que possuía “registros fotográficos” para comprovar o que estava dizendo. Até onde se sabe, nenhum veículo foi atrás disso. Pelo contrário, o *MidiaNews* e os demais sites noticiosos de Cuiabá se preocuparam apenas em reproduzir a declaração factual da gestora como fato em si.

A naturalização dos fatos (Moretzsohn, 2007) e na atualidade, a naturalização dos pseudo-fatos, como propõe Chagas (2020), são problemas do reconhecimento das próprias declarações como notícia. Mas como então escapar desse paradoxo, tendo em vista que a produção jornalística tem como base o testemunho (Tambosi, 2005) e as declarações das fontes sobre determinados acontecimentos (Oliveira, 2019), e que nem todas necessitam de justificação ou mesmo são possíveis de serem checadas (Sponholz, 2009)? Entender a vinculação das fontes e suas declarações no período de cobertura político-eleitoral torna-se fundamental tanto para os aspectos conceituais relacionados a essa prática como para debater a necessidade ou não de inserção destes discursos no âmbito do jornalismo político.

Esse “apego” às fontes oficiais tem relação com o que foi proposto por Gomis (2004) e Chagas (2020) a respeito das fontes interessadas. No caso em questão, tratam-se de agentes políticos que rotineiramente buscam dominar o noticiário para divulgar ao público suas ações. No processo eleitoral, em que os holofotes da mídia se voltam diretamente para os candidatos, é que o domínio dessas fontes tende a se agravar ainda mais. Aqui ocorre também - como percebemos nas matérias analisadas - a naturalização das declarações dos políticos como fatos (Moretzshon, 2007). A predominância de fontes oficiais também confirma a falta de diversidade e pluralidade de vozes no noticiário, principalmente a ausência de fontes populares (Chagas, 2020). Isso resulta em um jornalismo pautado pelo discurso hegemônico e desconectado de uma realidade social mais ampla. Nesse sentido, o caráter democrático da

profissão também fica extremamente prejudicado, em razão do domínio das fontes oficiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Centrar foco nos candidatos em meio a práticas declaratórias, que revelam a dependência do jornalismo em relação às assessorias de imprensa, revela os problemas evidenciados nos contextos do trabalho nas redações e a reverberação destes discursos voltados a determinados grupos da sociedade. Por isso, torna-se necessário ampliar as investigações sobre o jornalismo declaratório para além da definição apresentada acima e inserir neste escopo da pesquisa, a análise sobre fontes, formatos utilizados em diferentes mídias para evidenciar essas falas e o ambiente sócio-político, que promove a entrada dessas versões de forma passiva no espaço noticioso.

A partir da Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) foi possível perceber a predominância do Jornalismo Declaratório durante a última semana das eleições municipais em Cuiabá no site *MidiaNews*. A prática foi manifestada em sua forma mais nociva (Oliveira, 2018) ao priorizar as declarações e relegar a checagem das mesmas ao segundo plano. O questionamento de Tambosi (2005) sobre a construção de conhecimento no caso de notícias baseadas apenas em declarações se mantém pela ausência de verificação e contraditório.

Além disso, foram poucas as situações em que as declarações dos candidatos foram confrontadas, e, quando houve, também se tratavam de fontes oficiais inseridas na disputa eleitoral. Nesse sentido, por exemplo, ficou de fora o contraditório do repórter, que, por meio de uma apuração, poderia inclusive questionar e evidenciar equívocos, contradições e até mentiras contidas nas falas dessas fontes. No entanto, o que fi-

cou evidente na análise das notícias por meio da ACJ é que a grande maioria dessas declarações foram reproduzidas pelo site, sem maiores questionamentos e verificação.

Ainda que de forma inicial e exploratória, os resultados da pesquisa destacam a manutenção de declarações de fontes oficiais sem contraditório como prática no contexto do jornalismo declaratório. Por outro lado, a premissa de que esse conceito estaria em definir que a prática se estabelece quando as notícias são baseadas apenas em declarações parece ser superficial na medida em que apenas fontes oficiais são selecionadas para esse ambiente. No caso do *MidiaNews*, o número de fontes únicas também revela a dependência das assessorias de imprensa com o trabalho confinado nas redações no período da pandemia do novo coronavírus.

A presença de discursos hegemônicos em constante negociação de pautas e agendas no contexto da disputa de vozes no período da cobertura eleitoral revela a importância de atentar-se para os discursos selecionados na construção das notícias. Os dados apontam para a necessidade de uma agenda de pesquisa sobre o Jornalismo Declaratório em um período marcado por discursos autoritários, mentirosos e neopopulistas. Nesse momento, o estudo demonstra que a prática não se constitui apenas como se define e se divide a partir da tipologia das vozes acionadas, e das estratégias argumentativas com ações específicas das candidaturas, na manutenção de seus discursos no cenário de disputa.

Soumis le 23-11-2021
Accepté le 06-10-2022

NOTES

¹. Cuiabá é a capital do Estado de Mato Grosso que fica no Centro-Oeste do Brasil.

². O sociólogo Erick Neveu (2006) define o jornalista sentado como o trabalho que restringe ao ambiente das redações em detrimento do trabalho em pé no local dos acontecimentos. No Brasil, Pereira (2004) identificou esse processo no caso do Correio Brasiliense em uma análise realizada em 2003. No caso do jornal analisado, a maior parte das fontes eram notícias oriundas de despachos de agências, releases e assessorias de imprensa.

³. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/politica/mendes-diz-nao-ser-momento-de-aventura-e-pede-voto-a-franca/387716>. Acesso em 02.05.2021.

⁴. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=1&cid=387958>. Acesso em 02.05.2021.

⁵. Disponível em: (<https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2020/cobertura-votacao-apuracao-primeiro-turno/mt/cuiaba>). Acesso em 02.05.2021.

⁶. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=1&cid=387803>. Acesso em 02.05.2021

⁷. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/politica/emanuel-cita-condenacao-de-franca-que-rebate-lave-a-boca/387803>. Acesso em 02.05.2021.

⁸. Essa notícia foi produzida no primeira dia da última semana antes da votação em primeiro turno. O texto está inserido em nossa análise. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/politica/casa-civil-critica-falta-de-reconhecimento-de-emanuel-a-mau-ro/387230>. Acesso em 01.05.2021.

⁹. Matéria com informações sobre o início das obras. Disponível em: <https://www.detran.mt.gov.br/web/mt/-/11039018-novo-hospital-e-pronto-socorro-de-cuiaba-sera-referencia-para-to-do-estado#:~:text=%E2%80%9CPensamos%20o%20novo%20Pronto%2DSocorro,fizemos%E2%80%9D%2C%20pontuou%20o%20governador>. Matéria sobre a conclusão da obra. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/-/11039203-inaugurado-primeiro-hospital-e-novo-pronto-socorro-de-cuiaba> . Acesso em 02.05.2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Chagas, L. (2020). A Sonora como Materialização do Acontecimento e a Naturalização dos Fatos na Seleção Das Fontes. *Anais do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS*.
- Chaparro, M. C. (1994). *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus Editorial.
- Cervi, E. U. (2010). Financiamento de campanhas e desempenho eleitoral no Brasil: análise das contribuições de pessoas físicas, jurídicas e partidos políticos às eleições de 2008 nas capitais de Estado. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 4, p. 135-167. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1712>
- Genro Filho, A. (1987). *O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!
- Gomes, W. (2009). *Jornalismo, fatos e interesses*. Florianópolis: Insular.
- Gomis, L. (2004). Os interessados produzem e fornecem os fatos. *Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis*, v. 1, n. 1, p. 102-117.
- Henriques, R. P. (2020). O jornalismo declaratório e a objetividade jornalística. *Anais SBPjor*.
- López Hidalgo, A., & Fernández Barrero, Ángeles. (2012). Notícias falsas, incorretas e incompletas: os desafios dos jornalistas em busca da retificação voluntária. *A experiência espanhola. Brazilian Journalism Research*, 8(2), 212–236. <https://doi.org/10.25200/BJR.v8n2.2012.465>
- Silva, G., & Maia, F. D. (2011). Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. *RuMoRes*, 5(10), 18-36. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2011.51250>
- Massuchin, M. F. (2018). Eleições 2016 nas Fanpages dos jornais regionais: o Facebook como espaço de distribuição e visibilidade das notícias sobre a campanha eleitoral. *Revista Contracampo*, v. 37, p. 1-22. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i0.1056>
- Meditsch, E. (2002). O jornalismo é uma forma de conhecimento? *Media & Jornalismo*, n. 1, p. 9-22.
- Miguel, L. F. & Biroli, F. (2010). Visibilidade na mídia e campo político no Brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 53, n. 3. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582010000300006>
- Moretzsohn, S. (2007). *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan.
- Neveu, É. (2006). *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola.
- Oliveira, I. D. (2018). *Jornalismo declaratório*. São Paulo: Editora Casa Flutuante.
- Park, R. E. (1940). News as a Form of Knowledge: A Chapter in the Sociology of Knowledge. *American Journal of Sociology* 45 (5): 669–686. <https://doi.org/10.1086/218445>
- Pereira, F. H. (2006). O Jornalista Sentado e a Produção da Notícia on-line no Correio Web. *Em Questão*, 10(1), 95–108.
- Porto, M. (2004). Enquadramentos da mídia e política. In: Rubim, A. A. C. (org.). *Comunicação e política: conceitos e abordagens*, Salvador/São Paulo: Edufba/Editora da Unesp.
- Rubim, A. A. & Coelling, L. (2007).. Cobertura jornalística e eleições presidenciais de 2006 no Brasil. *Revista Política e Sociedade*, n°10, pp. 173-193. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Salgado, S. (2012). Campanhas eleitorais e cobertura midiática: abordagens teóricas e contributos para a compreensão das interações entre política e media. *Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília*, n. 9, p. 229-253. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522012000300009>
- Sponholz, L. (2009). *Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções*. Florianópolis: Insular.
- Tambosi, O. (2005). *Informação e Conhecimento no Jornalismo. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis*, v. 2, n. 2, p. 31-38. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são*. Vol. 1. Florianópolis: Insular.
- Tuchman, G. (1999). A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: Traquina, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (p. 74-90). Lisboa: Vega, 1999.



Jornalismo declaratório na cobertura eleitoral e a dependência das fontes oficiais

Statement journalism in electoral coverage and reliance on official sources

Le journalisme de déclaration dans la couverture électorale et la dépendance à l'égard des sources officielles

Pt. O artigo apresenta apontamentos sobre as dimensões epistemológicas e a racionalidade do conceito de jornalismo declaratório (JD) durante a cobertura eleitoral. Para tanto, realiza uma pesquisa sobre como essa prática esteve presente na cobertura da última semana do primeiro turno das eleições municipais de 2020 na cidade de Cuiabá, no Centro-Oeste brasileiro, a partir das falas das fontes no site de notícias *MídiaNews*. Com uma adaptação da proposta da Análise da Cobertura Jornalística (ACJ) em notícias baseadas apenas em declarações, foi possível perceber que o conceito de Jornalismo Declaratório vai além da ideia de apenas uma prática que busca nas aspas e na fala das fontes, a construção das notícias. A dependência das declarações oficiais, a ausência de contraditório e a manutenção das falas sem questionamentos em tempos de naturalização dos fatos (Moretzshon, 2007) e dos pseudofatos (Chagas, 2020), reflete sobre a necessidade de aprofundar a racionalidade do conceito em um período marcado por discursos autoritários, mentirosos e neopopulistas. Os resultados demonstram a predominância do Jornalismo Declaratório durante o período analisado. A prática foi manifestada em sua forma mais nociva (Oliveira, 2018) ao priorizar as declarações e relegar a checagem das mesmas ao segundo plano. O questionamento de Tambosi (2005) sobre a construção de conhecimento no caso de notícias baseadas apenas em declarações se mantém pela ausência de verificação e contraditório. Foram poucas as situações em que as declarações dos candidatos foram confrontadas, e, quando houve, também se tratavam de fontes oficiais inseridas na disputa eleitoral. Nesse sentido, por exemplo, ficou de fora o contraditório do repórter, que, por meio de uma apuração, poderia inclusive questionar e evidenciar equívocos, contradições e até mentiras contidas nas falas dessas fontes. No entanto, o que ficou evidente na análise das notícias por meio da ACJ é que a grande maioria dessas declarações foram reproduzidas pelo site, sem maiores questionamentos e verificação. Ainda que de forma inicial e exploratória, os resultados da pesquisa destacam a manutenção de declarações de fontes oficiais sem contraditório como prática no contexto do jornalismo declaratório. Além disso o número de fontes únicas também revelou a dependência das assessorias de imprensa com o trabalho confinado nas redações no período da pandemia do novo coronavírus.

Palavras-chave: Jornalismo declaratório; seleção das fontes; fontes oficiais; teorias do jornalismo

En. This article explores the epistemological dimension and rationality of the concept of Statement Journalism in election coverage. The study presented considers the coverage of the final week of the first vote of the 2020 municipal elections in the city of Cuiabá, in the center-west of Brazil and is based on a corpus sourced from the news website *MídiaNews*. The News Coverage Analysis (NCA) applied to exclusively statement-based news has shown that the concept of Statement Journalism goes far beyond the practice of building information on quotation marks and statements. This reliance on official declarations, coupled with the lack of contradictory and unquestioning reproduction of statements in times of fact naturalization (Moretzshon, 2007) and pseudo-facts (Chagas, 2020), highlights the need to deepen the rationality of the concept, especially in a period marked by authoritarian, deceptive and neo-populist discourses. The findings of the study show that during the period examined, Statement Journalism prevails in its most harmful form (Oliveira, 2018), encouraging statements at the expense of any form of fact-checking. In this context, Tambosi's 2005 considerations on knowledge construction from information based exclusively on statements are still relevant, precisely because of the lack of fact-checking and cross-examination. In fact, the only statements of the candidates that were contested were verified against official sources stemming from the electoral dispute. The journalist is thus sidelined, when he alone, through investigation, has the power to expose possible errors,

contradictions and even lies in the statements of the various sources. The CNA findings, however, revealed that most of these statements were reproduced on the website without any questioning or verification. Although this is initial exploratory research, the reproduction of statements from official sources without cross-examination stands out as a regular practice in the context of statement journalism. In addition, the number of unique sources quoted also highlights the dependency of the press when confined to newsrooms during the period of the new coronavirus pandemic.

Keywords: Statement journalism; source selection; official sources; theories of journalism

Fr. Cet article propose une réflexion sur la dimension épistémologique et la rationalité du concept de Journalisme de Déclaration (JD) en matière de couverture électorale. Il présente une recherche menée sur cette pratique lors de la couverture de la dernière semaine du premier tour des élections municipales de 2020 dans la ville de Cuiabá, dans le centre-ouest du Brésil, à partir d'un corpus constitué des sources du site d'information *MídiaNews*. L'Analyse de la Couverture Journalistique (ACJ) appliquée à l'actualité basée exclusivement sur des déclarations a montré que le concept de Journalisme de Déclaration va bien au-delà de la pratique qui consiste à construire l'information sur des guillemets et des citations. Cette dépendance vis-à-vis des déclarations officielles, aggravée par l'absence de contradictoire et par la reproduction de propos sans questionnement, en pleine période de naturalisation des faits (Moretzshon, 2007) et de pseudo-faits (Chagas, 2020), fait ressortir la nécessité d'approfondir la rationalité du concept, notamment dans une période marquée par les discours autoritaires, mensongers et néo-populistes. Les résultats de la recherche révèlent qu'au cours de la période analysée le Journalisme de Déclaration prédomine sous sa forme la plus nocive (Oliveira, 2018), qui favorise les déclarations au détriment de toute vérification. Dans ce contexte, les réflexions de Tambosi de 2005 sur la construction de la connaissance à partir d'informations basées exclusivement sur des déclarations sont toujours à l'ordre du jour, justement du fait de l'absence de vérification et de contradictoire. En effet, les seules déclarations des candidats ayant fait l'objet de contestations furent confrontées uniquement par les sources officielles issues de la dispute électorale. Le journaliste est ainsi mis à l'écart, alors que lui seul, par son investigation, a le pouvoir de dénoncer les éventuelles erreurs, contradictions et même les mensonges dans les propos des différentes sources. L'ACJ a pourtant révélé que la plupart de ces déclarations ont été reproduites sur le site, sans aucune remise en question ni vérification. Bien qu'il s'agisse d'une recherche initiale et exploratoire, les résultats dénoncent la reproduction des déclarations des sources officielles sans contradictoire en tant que pratique régulière dans le contexte du journalisme déclaratif. En outre, la quantité de sources uniques fait également ressortir la dépendance de la presse au sein des rédactions confinées pendant la période de la pandémie du nouveau coronavirus.

Mots-clés : Journalisme de déclaration ; sélection des sources ; sources officielles ; théories du journalisme